

# A ANTROPOLOGIA CRISTÃ NO DOCUMENTO DE SANTO DOMINGO

Pe.Dr.Vitor Galdino Feller  
Prof.de Teologia Sistemática

## Introdução

Numa primeira leitura do Documento de Santo Domingo se percebe que são usados dois grandes eixos para apresentar sua antropologia. O primeiro deles diz respeito à relação fundamental que garante a existência do ser humano. Ele é criatura de Deus, criado à imagem de Deus, chamado ao diálogo e ao convívio com Deus. É em Deus que o homem encontra o sentido da unidade. O segundo diz respeito à presença do ser humano sobre a terra. Ele é criador de culturas. Pela sua origem divina, criado à imagem de um Deus criador, ele é desafiado a também criar e transformar a realidade plural do mundo, a história da humanidade, a própria história. Ele não alcançará sua mais acabada realização se não usar dos bens da natureza e da própria condição pessoal e social para criar e cultivar. É aqui que ele encontra o sentido da pluralidade de suas dimensões.

Assim, em Deus, comunhão de três pessoas distintas, se dá a busca e o encontro da unidade consigo mesmo, com os irmãos, com os outros seres criados; na criação de culturas aconteceu a procura e a experiência de diversidade de dimensões. A articulação entre unidade e pluralidade se dá através de Jesus Cristo, ser humano por excelência. Nele, Deus feito homem, temos a imagem exemplar de cada ser humano e de toda a humanidade. Para o Documento, como para as antropologias cristãs da teologia moderna, o ser humano é um "nó de relações" de unidade na pluralidade, que encontra em Jesus Cristo seu sentido e realização definitivos.

O presente texto quer, a partir dessa primeira observação, detectar e desenvolver os dados da antropologia cristã de Santo Domingo. Para isto, seguirá o espírito cristocêntrico do tratado da Antropologia Cristã assim como vem sendo delineado pelos grandes estudiosos dessa disciplina teológica <sup>(1)</sup>.

---

## **Ficaremos limitados a uma leitura interna ao próprio Documento**

---

A brevidade do espaço não nos permitirá, como gostaríamos, de cotejar as colocações de Santo Domingo com os documentos preparatórios, com Medellín e Puebla, com o Vaticano II, com a reflexão teológica contemporânea. Ficaremos limitados a uma leitura interna ao próprio Documento. Outrossim, apresentaremos uma visão propositadamente positiva!

Inicialmente, apresenta-se o primeiro eixo da antropologia do Documento: o ser humano como criatura de Deus, ser chamado à unidade. Em seguida, reflete-se sobre o segundo eixo: o ser humano como criador de cultura, responsável por fazer acontecer, na ordem social, política e econômica, o mesmo espírito de comunhão do Deus Criador, ser chamado à pluralidade. Em ambos, amplia-se a reflexão sobre quatro pontos fundamentais da antropologia cristã: a teologia da criação, a teologia do pecado, a cristologia, a escatologia.

## 1. O SER HUMANO, CRIATURA DE DEUS

O primeiro eixo da antropologia do Documento de Santo Domingo apresenta o ser humano como criatura de Deus. Apre-

sentado numa perspectiva cristocêntrica, o homem é, como o Filho de Deus, um ser capaz de decisão e resposta. Mas usou sua liberdade para o pecado, a ruptura de relações com o Criador. Deus, porém, fiel a si mesmo, apresenta no seu Filho feito homem o caminho da superação da situação pecaminosa desumana e da auto-realização definitiva de cada homem e de todo o gênero humano.

### 1.1 O homem, ser cristico, capaz de decisão e resposta

Único ser criado capaz de diálogo com seu Criador, o ser humano é chamado a seguir pela história afora o apelo divino à comunhão. Criado com todas as outras criaturas por Cristo, em Cristo e para Cristo (Cl 1,12-20), que é a "causa eficiente, exemplar e final da criação" <sup>(2)</sup>, o homem é um "ser cristico" <sup>(3)</sup>. Desde a criação, ele está marcado pela graça. Por isso, reconhece o Documento, ele pode decidir-se livremente pelo caminho da vida e pode responder à exigência de ser "perfeito como o Pai" (cf Mt 5,48), e de viver e morrer por Deus e para Deus (DSD n.10).

---

## **A estrutura ontológica do ser humano é relacional e dialógica**

---

A criação em Cristo garante a prioridade e superioridade da graça sobre o pecado. Portanto, mais do que subordinado ao poder do pecado, como pregava antes uma pesada visão amar-tiocêntrica, o ser humano está definido desde o início até o fim pela graça da criação em Cristo. Ele é chamado a ser como Cristo, obediente no diálogo com o Pai, responsável na missão recebida. É esta visão cristocêntrica e histórico-salvífica que irá delineando, no decorrer dos três grandes temas (nova evangelização, promoção humana e cultura cristã), a antropologia de Santo Domingo.

A estrutura ontológica do ser humano é relacional e dialógica. Criado em Cristo, ele é como o Filho diante do Pai, obediente, capaz de decidir-se livremente pela resposta amorosa à vontade do Deus Criador. Sendo livre para a relação dialógica com o Pai, o ser humano pode rejeitar sua condição original. É por meio do pecado que se rompe, mas não se quebra totalmente, a estrutura do ser humano e o tecido original da criação inteira. Mas Deus, comunhão trinitária, garante a unidade do ser humano consigo mesmo, com os outros e com o mundo criado, unidade esta que é fundamento da antropologia cristã (DSD n. 264). Deus é fiel a si mesmo e à sua obra criadora. O Filho estará sempre sustentando a criação (Cl 1,17) para "reencabeçá-la" (Ef 1,10) em si mesmo e apresentá-la reconciliada ao Pai (Cl 1,20; 1Cor 15,24,28). "Tudo passa por Cristo, que se faz caminho, verdade e vida" (DSD 121). O ser humano encontrará sua realização na conformidade com o Filho, tornando-se como ele obediente ao Pai, ungido pelo Espírito, homem novo e mulher nova, missionários da comunidade humana <sup>(4)</sup>, no serviço da vida, no diálogo com o próximo, na administração responsável da criação.

O encontro com Deus criador e salvador, condição fundamental para a realização do ser humano, pessoa e coletividade, só se dará por uma formação espiritual em que cada um aprenda

a "ver a Deus em sua própria pessoa, na natureza, na história global, no trabalho, na cultura, em todo o secular, descobrindo a harmonia que, no plano de Deus, deve haver entre a ordem da criação e a da redenção" (DSD n.156). Só "Deus é o único Senhor da vida", e "o homem não é, nem pode ser amo ou árbitro da vida humana" (DSD n.223).

## 1.2 O homem, ser livre que rompe a ordem original da comunhão

Nenhum ser humano carrega consigo a semente da vida sempre e totalmente nova. Todos são marcados desde a origem pelo poder do Maligno. Todo humano é paradoxalmente desumano, porque vulnerado pela ruptura de relações provocada pelo pecado. "O homem criado bom, à imagem do próprio Deus, e senhor responsável da criação, ao pecar, caiu em inimizade com Ele. Dividido em si mesmo, rompeu a solidariedade com o próximo e destruiu a harmonia da natureza. Nisso reconhecemos a origem dos males individuais e coletivos que lamentamos na América Latina" (DSD n.9).

O anúncio cristão não poderá esquivar-se dessa verdade. A Igreja, que é convocada à santidade (DSD nn. 31-53), sente o perigo quando há "perda do sentido do pecado" (DSD n.39). Quem não vê e não reconhece sua situação pessoal de pecador nunca vai converter-se para o caminho da verdadeira humanização em Deus. A sociedade que não vê e não reconhece as causas dos pecados sociais nunca vai empenhar-se pela transformação das estruturas. É próprio do ser humano não só pecar, mas também negar sua culpabilidade, impondo a culpa sobre outrem ("não fui eu, foi a mulher"; "não fui eu, foi a serpente", cf Gn 3,11-13). Por isso, deixada por sua própria conta, a humanidade nunca sairá da condição desumana e desumanizante do pecado.

### Não se pode contudo esperar que o homem por si só se salve

O Documento, quando fala de Cristo como medida de nossa conduta moral, reconhece que na ação pastoral se deve "voltar a tomar consciência do pecado (do pecado original e dos pecados pessoais) e da graça de Deus como força para poder seguir nossa consciência cristã" (DSD n.237, parêntese no texto). Embora se deva salientar a humana "dignidade que não se perdeu pela ferida do pecado, mas que foi exaltada pela compaixão de Deus" (DSD n.159), não se pode contudo esperar que o homem por si só se salve. Só mesmo Deus é que poderá salvar-nos. É em Jesus, Deus humanado, que aprendemos a sair de nosso egoísmo e superar o desumano do pecado para reconquistar a condição original e definitiva da nossa humanidade, de seres criados à imagem de Deus. Falando em Santo Domingo aos afro-americanos, João Paulo II lembra que "no sulco da história verifica-se uma confluência misteriosa de pecado e de graça, mas, ao longo da mesma, a graça triunfa sobre o poder do pecado". E conclui, com o Apóstolo: "onde, porém, abundou o pecado, superabundou a graça" (Rm 5,20; *Mensagem de João Paulo II aos afro-americanos*, n.1)

## 1.3 O ser humano, capaz de acolher o Novo Homem Jesus

Criado por Deus e para Deus, o ser humano é a única criatura capaz de acolher o mistério de Deus. O cristianismo tem esta característica fundamental: acolhida do Deus que vem. Diferentemente das outras religiões, que apresentam meios pelos quais o homem parte em busca do divino (meditações, gnosés, orações, ascetes, místicas etc), o judeu-cristianismo prega a vinda

de Deus que busca o homem. Essa vinda de Deus tem-se manifestado das mais diversas maneiras na história de sua revelação (teofanias, sonhos, visões, palavras, intervenções na história) até chegar ao máximo da encarnação (cf Hb 1,1-3a), em virtude da qual o Filho, Palavra mesma do Pai, assume a condição humana, e se une de certa forma a todo homem. É em Jesus Cristo, "Verbo Criador (Jo 1,3) e encarnado (Jo 1,14), que temos a perfeita revelação do homem ao próprio homem e a expressão da sublimidade de sua vocação. Ele "se insere no coração da humanidade e convida todas as culturas a se deixar levar por seu espírito à plenitude" (DSD n.13; cf também DSD n.159: em ambos os números se cita a *Gáudium et Spes* n.22; cf ainda *Redemptor Hominis* nn.8-10).

### Será redimensionado no "dinamismo cristológico do desprendimento-encarnação-serviço"

Em Jesus Cristo, Deus "ama o homem com um amor sem limites e quis entrar na sua história" (DSD 27). Foi preciso que Deus mesmo se fizesse humano, para que nós no seu exemplo e seguimento tivéssemos o caminho da própria humanização. Ele "se fez um de nós, assumindo a condição de servo e tudo o que a nossa condição humana implica, menos o pecado, para transformá-la, vivificá-la, fazê-la cada vez mais humana e divina" (DSD n.121).

O novo ser humano será redimensionado no "dinamismo cristológico do desprendimento-encarnação-serviço" (5). Certamente não é esse o dinamismo pregado pela mentalidade moderna, pelas elites intelectuais, pelos meios de comunicação. A visão secular do ser humano o apresenta como indivíduo isolado de relações, autônomo em sua relação com Deus, usurpador em sua relação com a sociedade e a natureza. O cristianismo nos ensina, como lembra Santo Domingo, que somente na vida e na liberdade de Cristo é possível romper a estreiteza do secularismo e devolver ao ser humano a verdade e a dignidade de filho de Deus. Em meio à permanente e progressiva crise social, o cristão saberá dar respostas às perguntas sobre o sentido da vida e da relação pessoal com Deus (cf DSD n.150).

Por isso, o anúncio de Jesus Cristo, Senhor e Salvador, ser humano por excelência, modelo da humanidade, deve chegar também aos que vivem sem Deus e indiferentes à questão religiosa. O ser humano novo, livre e realizado, não poderá ser ateu, secularista, permissivista, hedonista. Diante do Filho humanado, nem o secularismo nem o indiferentismo podem vangloriar-se de oferecer a verdadeira imagem do homem (cf DSD nn.153-154). Julgando a religião como atitude anti-humana e alienante, guiando-se pelo pelagianismo moderno da exacerbação da razão e da liberdade humana, deixando-se conduzir pela idolatria do ter, do poder e do prazer, os homens de hoje, na verdade, entram pelo caminho da desumanização, "reduzindo o ser humano somente ao valor material". Sem Jesus Cristo, "Salvador único, universal e definitivo", não haverá libertação do homem. O esquecimento da "memória perigosa" de Jesus de Nazaré ou sua redução à figura de um mestre de moral, um reformador religioso, um político revolucionário, levará à edificação de uma sociedade sem ética, à existência de homens desconcertados diante das grandes interrogações da vida (cf DSD n.154). A felicidade do homem de hoje não virá nem mesmo dos movimentos religiosos gnósticos de nosso tempo, marcados pelo dualismo antigo e sempre novo da distância entre Deus e o homem, sem a historicidade e a materialidade próprias do Deus encarnado em Jesus de Nazaré (cf DSD n.155).

O ser humano realizado também não alcançará sua definitividade pelo avanço da ciência e da técnica, pela organização política e social, pela distribuição igualitária dos bens. Só Jesus Cristo é que é "o princípio e o fim" (Ap 1,17) de toda realidade humana e cósmica. Jesus Cristo "não permite que nenhuma realidade temporal, nem os Estados nem a economia nem a técnica se convertam para os homens na realidade última a que devem submeter-se" (DSD n.27)

---

### **Só Jesus Cristo é a medida de nossa conduta moral**

---

Também não será pela revolução dos costumes, pelo exercício democrático, embora demorado, da liberdade, pela criação de uma ética comum, chamada de "ética civil ou cidadã", ou pela observação de uma "moral de situação" (cf DSD n.236), que se chegará à criação da nova humanidade. Só Jesus Cristo é a medida de nossa conduta moral. Plenitude do homem e de toda cultura, ele é, como Verbo criador, o fundamento da conduta ética natural, "essencialmente ligada à dignidade humana e seus direitos". Sendo fundamento, ele é também norma crítica. Pela sua encarnação num mundo de conflitos, por sua vida de fé e esperança e pelo seu empenho em favor de vida para todos, ele exige a superação da ética natural, quando esta se arrisca a tornar-se puro humanismo. A moral cristã "é a forma de vida própria do homem de fé, que com a ajuda sacramental segue a Jesus Cristo, vive a alegria da salvação e abunda em frutos de caridade para a vida do mundo" (DSD n.231).

#### **1.4 O ser humano, chamado à auto-realização em Deus**

O Documento não esquece um dado fundamental da antropologia teológica moderna que é a relação entre protologia e escatologia. O ser humano nativo, criado na graça de Deus e ferido pelo pecado, é chamado à nova criação pela superação da ordem pecaminosa que ele mesmo instaurou. Criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26ss, texto bíblico fundamental, citado em DSD nn. 164 e 212, bem como na *Mensagem* de João Paulo II aos *Indígenas* n.3 e aos *Afro-americanos* n.3 etc), o ser humano não alcançará sua plena realização a não ser na plenitude do Reino, na comunhão com a Trindade, na vitória sobre todo o mal, na transformação paradisíaca de toda a criação, na recapitulação de todos em Cristo e por ele em Deus (cf DSD n.14).

Também nessa obra de recapitulação, o ser humano tem em Cristo seu caminho. Além de revelar a condição protológica do homem, Cristo revela também nosso futuro. Ele "nos revela o Pai e nos introduz no mistério da vida trinitária pelo Espírito". Ele assume a condição humana "para transformá-la, vivificá-la, fazê-la cada vez mais humana e divina". Ele "entra no coração dos nossos povos, assume-os e transforma-os". Ele "é a semente de uma nova humanidade reconciliada" (cf DSD n.121).

Por isso, Cristo é também "o modelo do comunicador" (DSD n.279). De fato, a auto-realização humana passa pela relacionalidade, pela comunicação e comunhão de relações. O Documento define com clareza essa verdade antropológica cristã quando fala da comunicação social. "Cada pessoa e cada grupo humano desenvolve sua identidade no encontro com os outros (alteridade)". Mas não se trata de qualquer tipo de relação. O cristão tem diante de si o mistério trinitário, onde cada pessoa divina encontra sua identidade própria na relação com as outras duas. É o que afirma o Documento quando prossegue: "A razão (dessa condição para a auto-realização) é que o homem foi feito à imagem de Deus Uno e Trino". É esse Deus Comum a meta da identidade pessoal e coletiva do ser humano. "No coração

da Revelação encontramos o mistério trinitário como a comunicação eternamente interpessoal, cuja palavra se faz diálogo, entra na história por obra do Espírito e inaugura assim um mundo de novos encontros, intercâmbios, comunicação e comunhão" (cf DSD n.279).

## **2. O SER HUMANO, CRIADOR DE CULTURAS**

O segundo eixo da antropologia do Documento de Santo Domingo é a verdade cristã sobre o ser humano como criador de cultura. A diversidade das pessoas divinas e a obra expansiva do Espírito fundam a pluralidade cultural humana. Mas, também aqui o homem revela sua face pecadora. Por isso, só Jesus, medida e plenitude de toda cultura, tudo purifica e recapitula, abrindo pistas para a criação de uma cultura que seja marcada pelo seu poder.

### **2.1 O ser humano, criador da diversidade de culturas**

Na pluralidade das culturas brilha a diversidade original da criação. Criado à imagem e semelhança do Deus trino, o ser humano espelha sua origem no mistério trinitário pela criação de inúmeras culturas. Assim, a Trindade do Deus Criador brilha não só na multiplicidade de expressões biológicas, também conhecida no mundo dos movimentos ecológicos como bio-diversidade, mas também espelha na variedade das culturas. No reconhecimento dessa pluralidade inerente à obra da criação e à construção da sociedade humana sobre a terra, a antropologia cristã encontra um rico veio para explicar sua visão do ser humano.

Essa "diversidade cultural dos fiéis" tem origem no mandato original do Criador de crescer, multiplicar-se, encher a terra e submetê-la, e no mandato missionário do Espírito Santo de fazer o Evangelho chegar a toda cultura (cf DSD n.228).

---

### **Na pluralidade das culturas brilha a diversidade original da criação**

---

O que o Documento de Santo Domingo diz a respeito da bondade original das culturas pré-colombianas pode-se certamente afirmar de todas as culturas. Porque "a Palavra de Deus fecundou as culturas de nossos povos" (cf *Mensagem aos Indígenas*, n.2), elas oferecem, "em sua base, junto a outros aspectos necessitados de purificação, aspectos positivos como a abertura à ação de Deus, o sentido da gratidão pelos frutos da terra, o caráter sagrado da vida humana e a valorização da família, o sentido da solidariedade e a co-responsabilidade no trabalho comum, a importância do culto, a crença em uma vida ultraterrena e tantos outros valores" que enriquecem os povos (cf DSD n.17) e contribuem para a construção do Reino de Deus a ser instaurado em Cristo.

Mas, apesar dessa realidade pluricultural, a América Latina está profundamente marcada pelo rolo compressor e uniformizante da cultura moderna, com seus valores e contravalores centralizados no homem, na razão, na autonomia diante da natureza e de Deus. Junto à modernidade, avança também entre nós a força crítica da pós-modernidade, como "resultado da pretensão reducionista da razão moderna" mas, por outro lado, "espaço aberto à transcendência" (DSD n.252; ver também n.255, que apresenta a cultura moderna e pós-moderna pela vertente da cidade). São ingentes os desafios que se colocam à evangelização (DSD n.253) e claras as linhas pastorais a serem trilhadas (DSD n.254) para se poder relacionar toda a gama de pluralidade cultural autóctone

e a uniformidade cultural moderna e pós-moderna com o anúncio evangelizador <sup>(6)</sup>.

## 2.2 A presença do pecado na diversidade das culturas

Assim como, pela sua origem divina, todo homem carrega consigo a semente da bondade e da vida, do mesmo modo, pela mesma origem, toda cultura tem em seu bojo "sementes do Verbo". Analogamente, porém, deve-se afirmar que assim como cada ser humano é vulnerado pela ruptura do pecado, assim toda cultura traz consigo expressões que contradizem a beleza da diversidade criada. São sinais do egoísmo humano, encontrados em costumes violentos (como as touradas e a farra do boi), machistas (como a poligamia e a castração de mulheres), mortíferos (como a antropofagia), para citar só alguns exemplos. São todos eles sinais de morte, provenientes do egoísmo, marcados pelo pecado. A fé cristã não pode considerar como expressões culturais o que é desumano e desumanizante.

### **Não pode considerar como expressões culturais o que é desumano e desumanizante**

Como Jesus, que "assume e exprime todo o humano, exceto o pecado (cf Hb 4,15)... e traz para cada cultura histórica o dom da purificação" (DSD 228), assim a Igreja, no processo da evangelização inculturada, há de tudo assumir, menos o pecado, há de tudo purificar e plenificar em Cristo. Ela deve corrigir os erros das culturas e evitar sincretismos (cf DSD n. 230).

Nessa evangelização, o grande desafio é a cultura ocidental. A cultura moderna, urbana, embora fundada em grandes linhas sobre bases cristãs, está fortemente marcada pelo poder da morte. Talvez esteja aqui a melhor constatação do Documento em termos de análise da cultura massificante dos nossos tempos, acusada, como *cultura da morte*, "do egoísmo, do ódio, da vingança e da inimizade" (João Paulo II, *Christifidèles Laïci*, n.42; cf também DSD nn. 219 e 235). Observando-a, com liberdade e certa distância, pelo seu ponto de estrangulamento, o Magistério da Igreja se vê impelido pelo Espírito a denunciar o poder do pecado e da morte. O Documento de Santo Domingo reconhece esta ingente missão: "A cultura da morte nos desafia" (DSD n.219). Ela exerce seu poder com campanhas antivida (distribuição de anticoncepcionais, esterilizações maciças, massacre do aborto) que ferem as tradições culturais básicas do povo. Ela cria e alimenta o medo diante do sacrifício e da cruz. Ela elimina anciãos e doentes imprestáveis. Ela promove a guerra, a guerrilha, o seqüestro, o terrorismo, o narcotráfico (cf DSD n.219), a toxicomania, a pornografia e a prostituição, a permissividade e promiscuidade sexual, a expansão da AIDS (cf DSD n.235).

Faz parte da missão evangelizadora da Igreja detectar a presença do pecado nas culturas, a fim de poder encontrar o melhor meio de evitá-lo e erradicá-lo. A ausência de análises teológicas e éticas com base em análises sociais e históricas, que mostrem a realidade, as causas e conseqüências do pecado do mundo, facilita o domínio do mal. O vazio da ação evangelizada e evangelizadora é terreno fértil para o pecado. Em nosso continente, a falta de formação doutrinal e de profundidade de vida e a falta de coerência entre fé e vida tornam os membros da Igreja e da sociedade humana presas fáceis do pecado "do secularismo, do hedonismo e do consumismo que invadem a cultura moderna" e "os incapacita de evangelizá-la" (DSD n.44)

Por isso, como pretende o Documento de Santo Domingo, é preciso enfocar, a partir da nova evangelização, "o desafio do

diálogo entre o Evangelho e os distintos elementos que conformam nossas culturas, para purificá-las e aperfeiçoá-las desde dentro, com o ensinamento e o exemplo de Jesus" (DSD n.22).

### **Ele é "a medida de toda cultura e de toda obra humana"**

## 2.3 Jesus Cristo, medida e plenitude de toda cultura

Logo no início, na sua profissão de fé, o Documento apresenta Jesus Cristo como medida e plenitude de toda cultura. Ele "se insere no coração da humanidade e convida todas as culturas a se deixar levar por seu espírito à plenitude, elevando nelas o que é bom e purificando o que nelas se encontra marcado pelo pecado". Ele é "a medida de toda cultura e de toda obra humana" (DSD n.13; cf também nn. 22 e 228). Ele é outrossim medida das culturas indígenas do continente latino-americano, onde "as sementes do Verbo, presentes no profundo sentido religioso das culturas pré-colombianas, esperavam o orvalho fecundante do Espírito" (DSD n.17) e revelavam "a presença do Criador em todas as suas criaturas: o sol, a lua, a mãe-terra etc" (DSD n.245). Também na *Mensagem aos Povos da América Latina e do Caribe*, orientados pelo encontro do Ressuscitado com os discípulos de Emaús, os bispos relacionam Jesus Cristo com a cultura, dizendo que ele "ilumina com as Escrituras o caminho dos homens" (ibid., no subtítulo de III.4).

De fato, "quando Jesus Cristo, na encarnação, assume e exprime todo o humano, exceto o pecado, então o Verbo de Deus entra na cultura. Assim, Jesus Cristo é a medida de todo o humano e, portanto, também da cultura. Ele, que se encarnou na cultura de seu povo, traz para cada cultura histórica o dom da purificação e da plenitude. Todos os valores e expressões culturais que possam dirigir-se a Cristo promovem o autêntico humano. O que não passa pelo Cristo não poderá ficar redimido" (DSD n.228; cf também *Puebla* n.400, ambos referindo-se a IRINEU: "O que não é assumido não é redimido").

A inculturação do Evangelho se dará à luz dos três grandes mistérios cristológicos e pneumatológicos: "a Natividade, que mostra o caminho da Encarnação e move o evangelizador a partilhar sua vida com o evangelizado; a Páscoa, que conduz através do sofrimento à purificação dos pecados, para que sejam redimidos; e Pentecostes, que pela força do Espírito possibilita a todos entender, na sua própria língua, as maravilhas de Deus" (DSD n. 230). Com efeito, "a analogia entre a encarnação e a presença cristã no contexto sócio-cultural e histórico dos povos" mostra a importância da linguagem e da simbologia e do lugar social e teológico "da fraqueza, da pobreza e da Cruz redentora" (DSD n.243).

## 2.4 Em busca da cultura cristã

O Documento de Santo Domingo usa com freqüência o ambíguo e contestado termo "cultura cristã", presente aliás no próprio título, formando com "nova evangelização" e "promoção humana" o trinômio sobre o qual se debruçou a IVª Conferência Geral do episcopado latino-americano.

O que o Documento entende por "cultura cristã"? Mais do que uma realidade a ser indicada e analisada, é uma expectativa. A expressão "até chegar a uma cultura cristã", que conclui uma afirmação sobre a necessidade de purificação de elementos não-cristãos (DSD n.22), estaria a confirmar essa definição. É a cultura humana marcada "já e ainda não" pelo senhorio de Cristo. Uma expectativa que, certamente, não pode provir de pretensões absurdas de poder triunfalista ou de expansão geográfica e quan-

titativa ou de subordinação de todas as realidades terrestres à esfera eclesial.

A cultura cristã que se espera criar só poderá ser entendida a partir do enquadramento cristológico em que se encontra todo o Documento, também este ítem. Poder-se-ia dizer que se trata de uma expressão moderna para falar de "Reino de Deus" (!). É o conjunto das diversas expressões culturais que se põem sob o olhar de Deus criador, sob o domínio do Cristo recapitulador e sob a instância do Espírito purificador. Assim, a cultura cristã acontece "quando o sentir comum da vida de um povo tem sido penetrado interiormente, até 'situar a mensagem evangélica na base de seu pensamento, nos seus princípios fundamentais de vida, nos seus critérios de juízo, nas suas normas de ação e dali projeta-se no "ethos" de um povo... nas suas instituições e em todas as estruturas"' (DSD 229, citando o *Discurso Inaugural* de João Paulo II, nn. 24 e 19; cf também *Evangelii Nuntiandi* nn.19-20).

### **A cultura cristã – expressão moderna para falar de "Reino de Deus"**

A Igreja, sacramento universal da salvação, estará no centro desta realidade e da ação que a constrói. Não com o intuito de refazer a cristandade medieval, como o termo "cultura cristã" poderia sugerir e algumas das últimas práticas eclesialísticas deixam entrever, mas no sentido do serviço ao domínio universal de Deus. Nesse sentido, valeria aqui o que o Documento diz de Maria. Apresentada como modelo da Igreja, ela é também "modelo da evangelização da cultura". Maria "é a mulher judia que representa o povo da Antiga Aliança com toda a sua realidade cultural. Mas abre-se à novidade do Evangelho... propiciando desde o princípio a nova síntese cultural que é a América Latina e o Caribe" (DSD n.229).

O objetivo de uma "cultura cristã" se alcançará pelo reconhecimento dos valores evangélicos mantidos mais ou menos puros na atual cultura, pelo reconhecimento de novos valores coincidentes com a mensagem de Cristo, e pela incorporação de valores evangélicos ausentes (cf DSD n.230).

A criação da "cultura cristã" encontra na liturgia um meio adequado. De fato, "é especialmente pela liturgia que o Evangelho penetra no coração mesmo das culturas". "A linguagem dos signos é o melhor veículo para que a 'mensagem de Cristo penetre nas consciências das pessoas e (daí) se projete no ethos de um povo, em suas atitudes vitais, em suas instituições e em todas as suas estruturas"' (DSD n.35, citando o *Discurso Inaugural* de João Paulo II, n.20).

### **Cultura cristã, caracterizada como "uma cultura solidária de reconciliação"**

A educação cristã é outro meio excelente para fazer acontecer e assimilar na vida das pessoas e dos povos a cultura cristã (DSD n.263). Ela deve, porém, estar fundamentada na antropologia cristã: o ser humano é chamado a ser nova criatura em Jesus Cristo, pela abertura a Deus Criador e Pai, aos outros como irmãos, e ao mundo como dom de Deus e responsabilidade humana (DSD n. 264). Como toda educação encerra um projeto de homem, é preciso ter em conta que o projeto da educação cristã deverá ser "o homem no qual viva Jesus Cristo" (DSD n.265), "revelador do mistério do homem" (DSD n. 266). Para realizar o "projeto cristão do homem" (origem, sentido e meta

da criação da cultura cristã!) e para apontar soluções aos complexos problemas do mundo atual, a educação "tem de estar em diálogo vivo com o Humanismo e com a cultura técnica, de maneira que saiba ensinar a autêntica Sabedoria cristã pela qual o modelo do 'homem trabalhador', aliado ao do 'homem sábio', culmine em Jesus Cristo" (DSD n. 268)

Também no seu empenho pela integração latino-americana e a nova ordem internacional, a Igreja encontra lugar para fomentar a cultura cristã, caracterizada como "uma cultura solidária de reconciliação" (DSD n. 204). Forma inculturada peculiar do catolicismo, também a religiosidade popular, patrimônio cristão do continente e presença de uma fé arraigada nos valores do Reino de Deus, é caminho para a cultura cristã (DSD n.247).

A criação da cultura cristã, nos termos aqui esclarecidos, se dará também pela preocupação com a pastoral urbana (DSD nn. 255-262) e com a pastoral dos MCS (DSD nn. 279-286)

### **CONCLUSÃO**

Para concluir, deve-se afirmar que o Documento de Santo Domingo contém uma clara e explícita doutrina cristã sobre o ser humano. Ele leva ao ápice os caminhos enveredados por Medellín e Puebla, ensinando que o ser humano, sendo criatura de Deus, é por sua vez criador de cultura.

Este estudo não tocou outros dados da Antropologia Cristã, tais como a unidade entre corpo e espírito, a relação básica entre homem e mulher, o encontro eu-tu, a situação no espaço e no tempo, a dimensão social e política, o trabalho, a ciência e a técnica, a ecologia, a novidade das comunidades cristãs, a opção pelos pobres, a questão do sofrimento e do mal, o sentido da liberdade etc.

A partir das descobertas exegético-teológicas modernas, pode-se hoje entender o ser humano como unidade na pluralidade. Nosso texto mostra que o Documento de Santo Domingo permite e sugere elaborar uma antropologia cristã que vê o homem a partir de sua unidade em Deus e de sua dimensão plural na variedade de sua própria criação cultural. Desse modo, respigando de dentro do Documento as afirmações fundamentais, vai-se oferecendo uma chave de leitura que estuda esses dois eixos (criatura de Deus, criador de cultura) no horizonte dos quatro pontos temáticos de toda antropologia cristã: a teologia da criação, a teologia do pecado, a condição crística de toda a realidade e a chamada geral à realização e aperfeiçoamento em Cristo.

### **NOTAS**

(1) Para outros dados sobre a perspectiva cristocêntrica de Santo Domingo, cf meu artigo "*Promoção Humana em Santo Domingo*" em "Vida Pastoral" n.170, SP, maio-junho de 1993, pp. 13-16)

(2) FLICK, M. e ALSZEGHY, Z., "*Antropología Teológica*", ed.Sigueme, Salamanca, 1971, p.60

(3) GOZZELLINI, G., "*Vocazione e destino dell'uomo in Cristo*", ElleDiCi, Turim, 1985, p.77

(4) COMBLIN, J., "*Antropologia Cristã*", Edit. VOZES, 1990<sup>2</sup>, pp.21-39

(5) GARCIA-RÚBIO, A., "*Unidade na pluralidade*", Ed. Paulinas, SP, 1989, pp.13-19

(6) Cf meu artigo "*Os desafios da cultura moderno-contemporânea. Abordagem teológico-pastoral na ótica da formação presbiteral*" em "Perspectiva Teológica" 24 (1992, maio-agosto), n.63, Belo Horizonte, pp.193-212

Endereço do autor:

Paróquia de N.Sra. Do Desterro

Catedral Metropolitana

rua Arcipreste Paiva 70

88010-530 FLORIANÓPOLIS, SC